



Estórias de Ambos os Lados

A construção de uma visão
e narrativa colectiva
sobre a **foz do Rio Neiva**

ORGANIZAÇÃO

Rio Neiva - Associação de Defesa do Ambiente
Município de Esposende
Município de Viana do Castelo

TÍTULO

Estórias de Ambos os Lados:
A construção de uma visão e narrativa colectiva sobre a foz do Rio Neiva

TEXTOS E EDIÇÃO

Susana Barreto e Eliana Penedos-Santiago

FOTOGRAFIAS

Clara Roberti e Alunos das Escolas EB António Rodrigues Sampaio,
EB Forjães e EB Foz do Neiva

DESIGN E IMPRESSÃO

Blisq Creative

APOIO

Climate-KIC, European Institute of Innovation, New European Bauhaus

LICENÇA

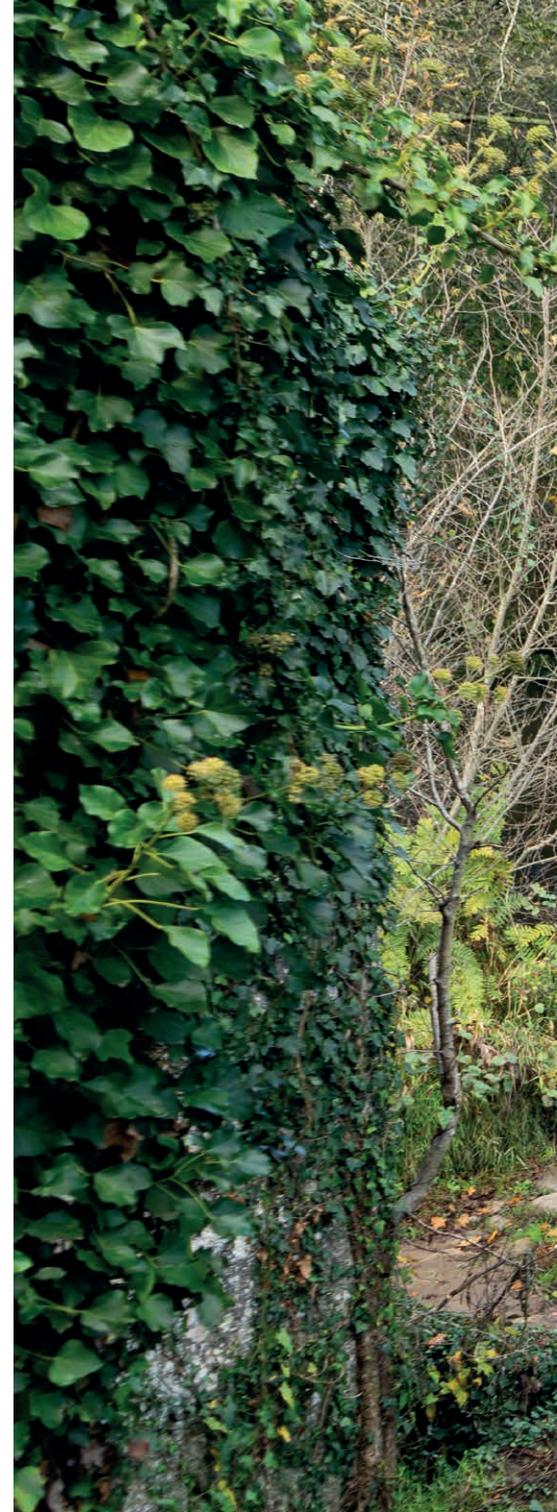
Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercialCompartilhaIgual 4.0 Internacional.

DATA DE PUBLICAÇÃO

2021

URL

www.rioneiva.com/estorias





ÍNDICE

Introdução	05	António Caramalho	32
Poema	06	Helena Saleiro e	
António Azevedo		Cândida Azevedo Saleiro	34
		“A passagem dos Peregrinos”	36
Céu Arezes	08	José Adriano	38
Cândido Torres	10	Norberto Mesquita	40
“O Passado do Rio Neiva”	12	“Sugestões para o futuro”	42
Maria José Neto	14	José Viana	44
Rodrigo André Vitorino Vaz	16	Manuel Catreu, Rafael Abreu	
“O Mar e a Praia”	18	e Vitor Gonçalves	46
Maria Lassalete Lima Gonçalves		Paulo Torres	48
e Josefina Fernanda Bouças	20	Alunos das Escolas EB de Forjães,	
Vítor Faria	22	António Rodrigues Sampaio e Foz	
“Os Dois Lados”	24	do Neiva “Perspetivas	
António Azevedo	26	fotográficas do território”	50
Lucília Neiva	28	Poema	54
“As Pessoas”	30	Vítor Faria	



INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

A riqueza natural da foz do Rio Neiva encontra-se ameaçada. A pressão humana, as espécies invasoras que dominam a paisagem, ou as alterações climáticas, são alguns dos fatores que contribuem para fragilizar e reduzir a biodiversidade local.

E, apesar de parecer um problema distante e longe do nosso dia-a-dia, um ecossistema natural vulnerável traduz-se numa economia mais frágil, afetando a produtividade dos sistemas agrícolas e florestais locais e até o nosso bem-estar, através da nossa relação social, cultural e afetiva com o território.

Trata-se, por isso, de um problema complexo que exige uma intervenção a longo-prazo e de diversos atores e especialistas. Mas exige também a mobilização da comunidade local, que será não só a mais penalizada, mas também a que mais beneficiará com a proteção e valorização do património existente.

“Estórias de ambos os lados” surge, assim, como um projeto que pretende promover uma maior interação da comunidade local com as áreas protegidas na zona da foz do Rio Neiva, olhando para o seu património natural, cultural e social.

Partindo do Rio Neiva na zona da sua foz, como uma linha visível e invisível que divide e une o Parque Natural Litoral Norte e o GeoParque Litoral, e dois municípios e cidades, Esposende e Viana do Castelo, ao longo de 4 meses, de setembro a dezembro de 2021, recolhemos estórias individuais e colectivas desafiando os participantes a contribuir para a construção de uma visão e narrativa comum deste território.

Mais do que uma possível solução ou resposta aos desafios existentes, este projeto pretendeu identificar e provocar novas perspetivas e diálogos, reconhecendo a importância de olhar para além desta linha, para que em conjunto seja possível valorizar e proteger este território.

Este livro, a par de um documentário vídeo e de uma exposição fotográfica, documenta este processo, registando as motivações e preocupações de todos aqueles que abertamente se disponibilizaram a partilhar as suas experiências e estórias.

Rui Monteiro

SAUDADE DE TI

Daí de cima, do Oural e do teu berço,
Das tuas primeiras doces lágrimas,

Dos sítios e das gentes que te embalam
E te ensinam os primeiros passos,

Do vale encantado que abres,
Onde aprendes a andar, correr e saltar

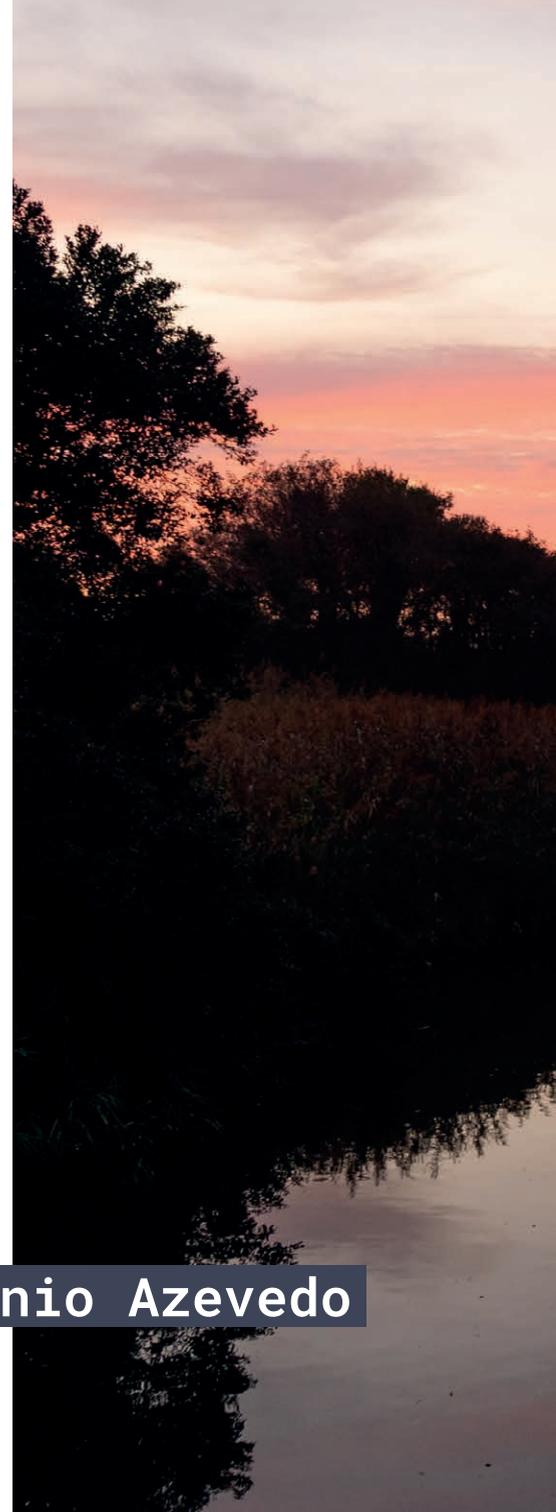
Do rio menino, do rio antigo,
Das rodas e das vidas que fizeste girar,

Do tempo de criança, quando juntos a brincar,
eu já queria ser homem e tu querias ser mar,

Hoje aqui no fundo do teu caminho
Como eternos namorados, não marcamos encontro,

Esperamos por ti!

António Azevedo









(Sobre as idas ao sargaço)

Ia eu e todas as meninas e meninos.
Punham-nos num giguinho como se dizia
antigamente, elas trabalhavam e nós ali
bébés (...)

... até guardei as caixinhas (sabonetes com
algas) porque tem a imagem da minha falecida
Mãe, minhas e das vacas e carroças.

O mar é saudável, mas vocês não pegam aqui
na forquilha para ver se é saudável (...)
Carregar, carregar, puxar, estender...

Céu Arezes

Sargaceira

**Carregar,
carregar,
puxar
estender...**





(Sobre o ouro nas procissões)

A vaidade que elas levam... normalmente pede-se à família e vai o ouro da família toda ali. Antigamente como não havia bancos e os que havia não era para pessoas pobres ou assim, o dinheiro que investiam era todo no ouro (...)

O banco andava ao peito e às orelhas das mulheres...era o banco da casa

**O banco
andava
ao peito...**

Cândido Torres

Grupo Folclórico e Etnográfico de Castelo do Neiva





O PASSADO DO RIO NEIVA

O PASSADO DO RIO NEIVA

O Rio, nestas conversas, apareceu como elemento agregador, onde as pessoas de ambos os lados se encontravam. Onde se juntavam grupos de pessoas para irem a banhos à noite, “caçar o peixe à mão” e onde as azenhas, com especial referência à do Minante, foram palco de trabalho pela noite adentro, como também de rituais de passagem tal como pano de fundo de casamentos e encontros de lazer.

A azenha do Minante foi retratada pelo pintor Henrique Medina, pela sua envolvência, do engenho de moagem, quem lá trabalhava, até aos animais que por lá passavam. O cenário e a envolvência exterior pouco mudou, mas o Rio de hoje é bem diferente.

Hoje não existem os guardadores de rios que asseguravam a manutenção das margens, e a forma como as pessoas se relacionam com o Rio é outra. O Rio manteve-se na vida das pessoas através dos passadiços que são calcorreados diariamente por locais e pessoas de fora, e pelos desportos, tal como a canoagem, festas populares, entre outros.









Porque nós temos que ter a noção
que se cairmos ao mar,
podemos nunca mais aparecer.

**Podemos
nunca mais
aparecer.**

Maria José Neto

Presidente da Associação de Pescas





Um pequeno rio separa muita coisa.
Mas na verdade, a única diferença
entre ambos os lados do rio é apenas
a forma de pronunciar a letra "A".

**Um pequeno
rio separa
muita coisa...**

Rodrigo André Vitorino Vaz





O MAR E A PRAIA

A vivência do mar e da praia dividiu-se em duas frentes. Para aqueles que representava trabalho e só trabalho, através da caça ao sargaço, actividade que movimentou a região no passado e que hoje praticamente desapareceu, e a pesca e a vida no mar. Por outro lado quem frequentava a praia, especialmente nos meses de Verão quando esta era habitada por um turismo sazonal de Porto e Braga.

As estórias apontam para uma vida de grande exigência física, que muito exigia em troca da sobrevivência. São diversos os relatos que lembram as vozes das mulheres a cantar nos campos ao peso da enxada. Das “cantorias” estrada fora, de madrugada, a caminho da seca do bacalhau. A voz destas mulheres e o trabalho que lhes estava reservado estão guardados até hoje nos cantares tradicionais.









Fernanda

Lembro-me de ser pequenina e ouvir as vozes das mulheres cantar nos campos, ao peso da enxada. E de ouvir o grito...

Fernanda (sobre o levantamento dos cantares populares)

O meu marido levava um gravador, sebenta e um lápis e assim recolhia as músicas. Correu o vale do Neiva todo.

Maria Lassalete Lima Gonçalves e Josefina Fernanda Bouças

Grupo das Cantadeiras do Vale do Neiva

Maria

Donde bens Maria Benho da montanha
De ber o meu linho Se ele tem baganha
Donde bens Maria Benho de labar
De labar a roupa Do meu melitar
Do meu melitar Do meu marinheiro
Donde bens Maria Benho do ribeiro

O comboio em biana

O comboio em biana, corre n'areia,
corre n'areia.
Ao romper da madrugada,
cant'a sereia, cant'a sereia
Cant'a seria, torn'a cantar,
Cant'a sereia, à beira mar.





A primeira vez que eu ouvi cantar os Vampiros foi na ponte do Minante em plena ditadura. Eram uns moços de Forjães que vinham de Coimbra e cantavam o que já se cantava às escondidas.

O Minante era um ponto de encontro. Muitos dos encontros que se marcavam era no Minante. Sempre com uma piscina ao lado...

Vítor Faria

Ex-Presidente da Junta de Antas

**O Minante
era um ponto
de encontro.**

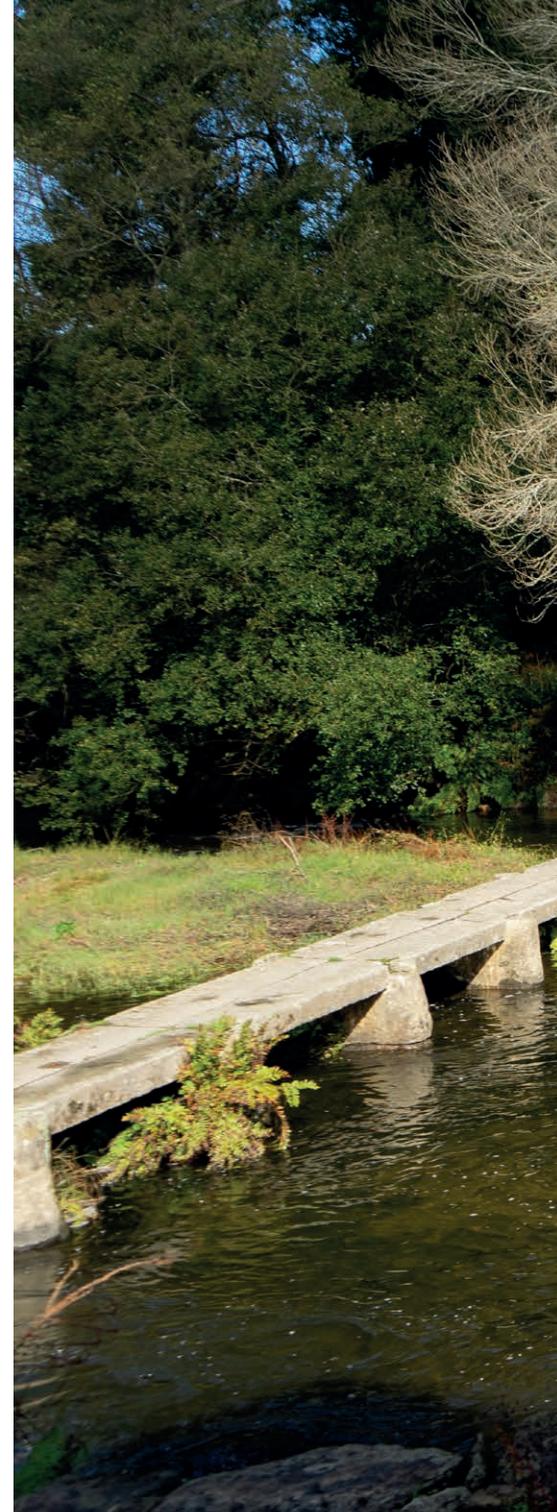




OS DOIS LADOS

Muitos dos nossos entrevistados e entrevistadas aludiram ao facto de serem resultado do casamento dos dois lados do Rio, Pai de Castelo e Mãe de Antas ou vice-versa, mas no coração há sempre um lado que prevalece. Estes casamentos foram, em grande parte, resultado dos encontros em festas populares da região como Santa Tecla e Nossa Senhora da Guadalupe, local onde os dois lados convergiam, para a festa.

Cada “lado” enaltece as características superiores da sua margem e da diferente pronúncia e rivalidade que existe entre as margens. Da perspectiva de quem conversa com estas duas linhagens é uma rivalidade saudável e alegre.









Para além de ser um rio mítico...
É um rio essencialmente místico (...)
porque é um rio pequeno e as pessoas
estavam muito ligadas a ele, muito
ligadas porque dependiam dele.

António Azevedo

**... um rio
mítico...
... e místico.**





A minha mãe e outros lavradores semeavam o linho. O linho arrancava-se, atava-se em fechinhos e vinha-se pôr à água, ali ao rio. 9 dias. Era uma festa para nós miúdos porque tínhamos a liberdade de vir para o rio meter o linho debaixo da água.

**Era uma
festa para
nós miúdos...**

Lucília Neiva

Familiar dos proprietários da Azenha do Minante





AS PESSOAS

Encontrámos em ambos os lados orgulho na história de onde vêm e um interesse em inscrever essa mesma história, nomeadamente os ofícios em desaparecimento. Os entrevistados revelaram-se pessoas com um grande sentido de comunidade, de tracto afável e de “confiança” como ouvimos várias vezes dizer. Como também referido em entrevista, são freguesias seguras onde “toda a gente se conhece”, facto esse que constatámos quando entrevistámos no exterior e havia sempre algum conhecido nas imediações. Entrevistar alguém era na maioria das vezes um acto partilhado com mais alguém.









Eu lembro-me que em 76 foi um ano de muita seca, o rio não tinha água nenhuma. O rio ficou praticamente seco. O peixe morria. E quando vinha a maré salgada, ficava ali parada e o peixe nem assim sobrevivia.

Aqui a freguesia de Antas é muito ligada. Toda a gente fala.

António Caramalho

**Toda a
gente fala.**





Cândida

A gente via o rio correr (...)
Naquele tempo o trabalho era muito difícil,
a gente ia... levantava-se cedo e ia para
o campo. Se houvesse quem ficasse em casa
a dar de comer ao gado, a mungir as vacas,
a dar o leite para o posto e a mandar os
irmãos para a escola, íamos às 6, 7 horas
da manhã.

Helena

O nosso Pai mandava-me por as ferraduras
daqui a Forjães e a primeira vez que fui
sozinha, eu disse, aí eu não sei o caminho
e a resposta que me ele deu foi, não sabes
tu, mas sabem os bois e os bois sabiam mesmo.
(o Pai disse) Tu chegas à peneirada e picas
no boi que vai do lado de baixo para ele
virar para o lado dos sobreiros e eles vão
lá ter direitinhos.

**Helena Saleiro e
Cândida Azevedo Saleiro**

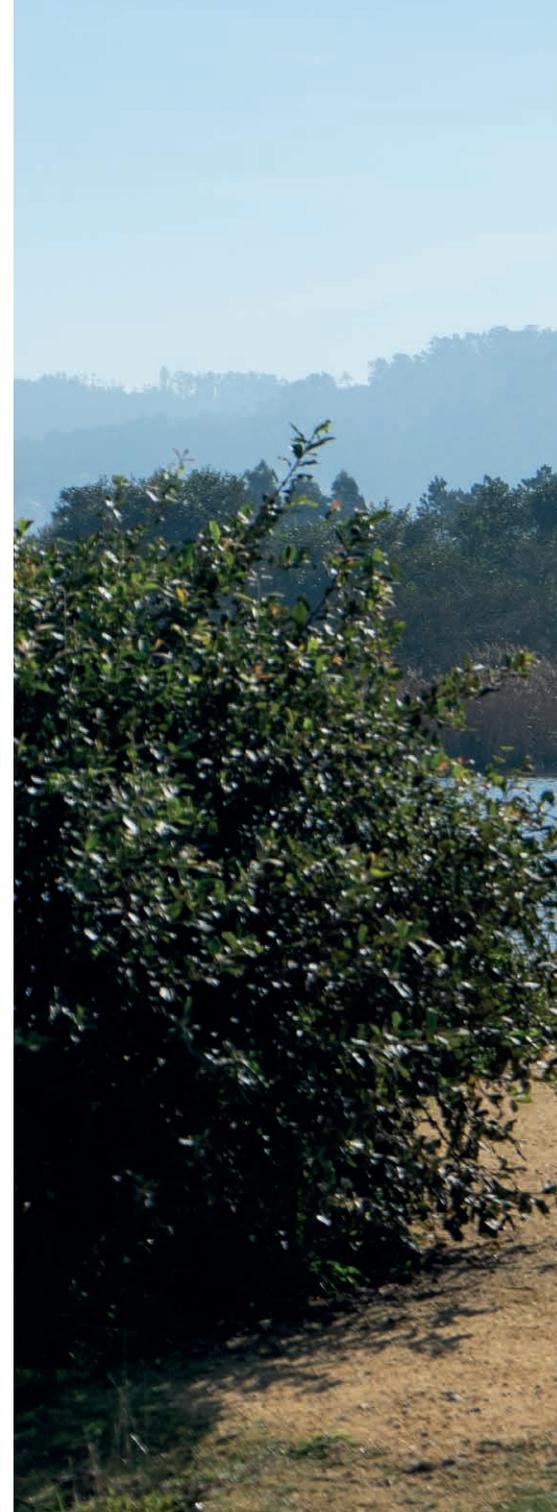




A PASSAGEM DOS PEREGRINOS

A Igreja de São Tiago tem sido um ponto estratégico no caminho dos peregrinos do Caminho de Santiago. É uma Igreja única em Portugal no contexto das peregrinações. Dizem que a melhor paragem dos peregrinos é em Castelo do Neiva. Para os peregrinos que arrancam do Porto a passagem junto ao rio Neiva é a mais bonita.

No abrigo de peregrinos em Castelo do Neiva, 80% das nacionalidades são estrangeiras, há um interesse no local através da gastronomia, paisagem e na localização que tem trazido muita gente de fora.





TOCA BAR
100 mts





Os peregrinos que partem do Porto, quando aqui chegam, dizem que a parte do percurso junto à margem do Rio Neiva é a mais bonita!

**... a margem do
Rio Neiva é
a mais bonita!**

José Adriano

Presidente Associação de apoio ao peregrino





Sou um homem que gosto de fazer as coisas que faço. Sou um homem de brio. (...)
Cheguei a ter aqui um talho 24 h.
Trabalhava de dia num talho e de noite numa padaria. Dormia 1 a 2 horas por dia.

Lembro-me de sair para uma festa em Santa Tecla em que levava 6 amigos comigo. Eu já ia cansado e dorido (do trabalho duro) e disseram-me que me tiravam as dores com Genebra, uma espécie de cachaça, aguardente. (...) Naquela hora ficava bem, o pior era o estômago!

Norberto Mesquita

Pastelaria Castelo de Neiva

**... tiravam
as dores
com Genebra...**





SUGESTÕES PARA O FUTURO

Os desejos para a região, são invariavelmente alicerçados numa vida comunitária e respeito pelo legado histórico. Algumas das sugestões passam pela criação de um fórum cultural que assegure a preservação deste legado de ambas as margens, em grande parte preservado até hoje nos cantares tradicionais, de um Centro interpretativo do Castelo de Castelo de Neiva, ver a ponte no sopé do castelo reerguida (que une ambas povoações), um centro que una ambas regiões, um Museu na Azenha do Minante, para mostrar às gerações mais jovens como era a vida e o trabalho antigamente e um maior cuidado com o Rio que começa por o limpar e fomentar actividades recreativas e culturais. Três dos nossos entrevistados nutrem um gosto pela poesia com tema na região.









O rio já perdeu as tradições há muitos anos. Tivemos a moagem a funcionar até há sensivelmente 15, 20 anos.

Lembro-me de em menino dar mergulhos no rio numa zona muito bonita, que é o Minante. Aproveitávamos a ponte e saltávamos. Era uma zona fluvial mas sem condições para ser considerada praia fluvial.

Temos espaços muito bonitos, vou-lhe dizer 3 de nascente para poente: o Grilo (dois engenhos um do lado de Esposende outro do lado de Viana), o Minante, e mais abaixo a Carvalha.

José Viana

Presidente da Junta de Antas

**O rio já perdeu
as tradições
há muitos anos.**





Manuel Catreu

Fui o mentor da formação de um grupo de canoagem. Seríamos os novos guarda-rios. Estou ligado ao rio desde os 7 anos. Chamávamos à zona do poço a nossa piscina. Aprendíamos ali a nadar.

Rafael Abreu

Chegamos a ter 60 atletas. Vinhamos aqui a qualquer hora do dia e tínhamos sempre água.

Vitor Gonçalves

Gostava de voltar a ver o rio sempre cheio de água e ver os miúdos na água, todos os dias.

Manuel Catreu
Rafael Abreu
Vitor Gonçalves

Canoagem









(celebração que envolve diretamente os pescadores)

A freguesia tem alguma dimensão e (a celebração da Páscoa) está dividida em 3 dias. O domingo de Páscoa, a segunda feira com a Pascoela na zona de Montes junto ao rio e no domingo seguinte, na zona da praia, junto aos pescadores os pescadores fazem a celebração da “Bênção dos Barcos”.

Fazem um tapete florido junto aos barcos e quando o compasso termina a passagem pelas casas daquela zona, o padre vai junto dos barcos e benze-os para o resto do ano.

Paulo Torres

Presidente da Junta de Castelo do Neiva

**“Bênção
dos Barcos”**



PERSPETIVAS FOTOGRÁFICAS DO TERRITÓRIO

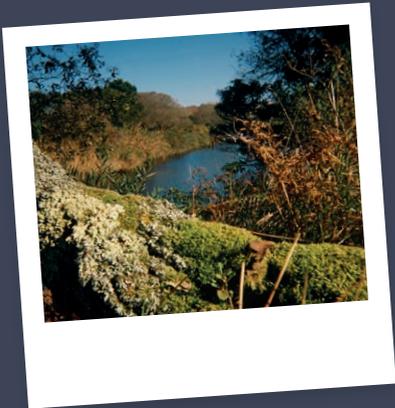
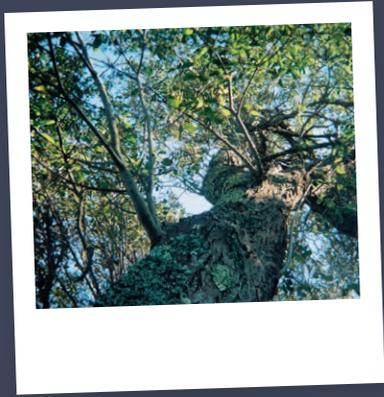
A par deste levantamento de estórias, os alunos das escolas locais foram também envolvidos, desta vez numa visita guiada a cada um dos lados. Cada Município, Esposende e Viana do Castelo, acolheu duas turmas “do outro lado”. Estes alunos foram também desafiados a registar visualmente a sua perspetiva deste território. Para tal, foram distribuídas câmaras fotográficas analógicas, apresentando-se aqui uma seleção deste registo.

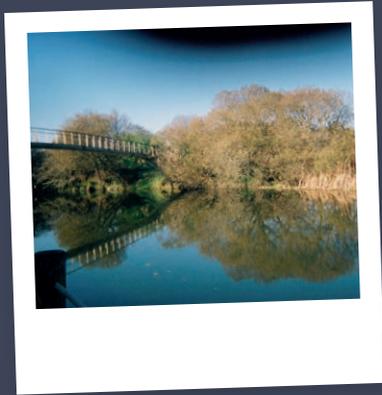
9º B, EB António Rodrigues Sampaio

9º B, EB Forjães

7ºA e 7ºC, EB Foz do Neiva









DE AMBOS OS LADOS

De um lado o Lima majestoso
Banhando e guardando a sua Princesa
Do outro o Cávado belo e frondoso
Cruzando um privilégio da Natureza

E, no meio, pequenino e brincalhão
Correndo de pedra em pedra como menino
Alegre travesso e trapalhão
Mas agora tão importante como um Hino
Pois é o Neiva o Rio da União



Vítor Faria



V-608-L
FILHO DE DEUS



SANTO ESPÍRITO

MAMA

ESTE PROJETO FOI IMPLEMENTADO EM
PARCERIA PELAS SEGUINTE ORGANIZAÇÕES:



ESTE PROJETO TEVE O APOIO DE:



Co-funded by the
European Union

www.rioneiva.com/estorias

